

Para comemorar os 65 anos de Brasília, do Correio Braziliense e do Instituto Histórico e Geográfico do DF, pesquisadores destacam fatos históricos que culminaram na construção da nova capital do país, em 1960

A MARCHA PARA O OESTE sem integralistas ou comunistas

Agência Brasil/EBC



Encontro entre Getúlio Vargas e Eurico Gaspar Dutra

» JORGE HENRIQUE CARTAXO
» LENORA BARBO
ESPECIAL PARA O CORREIO

As elites políticas do Rio Grande do Sul, de Minas Gerais e do Nordeste, em outubro de 1930, retiraram Washington Luiz da presidência da República, desconhecaram a eleição do paulista Júlio Prestes, e passaram o poder para Getúlio Vargas, que inauguraria uma era de grandes mudanças no país. O modernismo, a técnica, o trabalhador, a indústria, a classe média, o ensino, as cidades, os sertões e o Brasil Central. Especificamente sobre a transferência da capital, temos apenas duas referências diretas: a conferência do jurista Teixeira de Freitas, no Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, em 1932, “Mudança da Capital e Redivisão Territorial”; e o artigo 4. das disposições transitórias da Constituição de 1934. Tudo sob a batuta envolvente, carismática, violenta e autoritária de Vargas, este personagem múltiplo da República e do Brasil.

O Brasil, entretanto, como nos ensinou Tom Jobim, não é para principiantes. O novo príncipe do Catete, entre bafaradas e um bom uísque — que passou a apreciar — teria que enfrentar, já em 1932, os constitucionalistas paulistas; a Intentona Comunista (como a batizou Assis Chateaubriand), em 1935.

Intimidados com Getúlio e exigindo a convocação de uma nova Assembleia Constituinte, a elite paulista, em 1932, mobilizou canhões, fuzis e metralhadoras. Os embates duraram de julho a outubro. Militarmente, os paulistas foram vencidos. Politicamente, não. A Constituinte foi convocada em 1933 e a gestão do governo paulista, de certo modo, voltou para as suas elites. Em junho de 1934 Getúlio Vargas foi eleito, indiretamente, presidente da República para um mandato de quatro anos. A nova Constituição foi promulgada em 16 de julho de 1934.

“Em Plínio Salgado, as reticências, as perplexidades, as condicionais são substituídas, à sua maneira de Mussolini e de Hitler, pelas convicções imperativas e contagiosas”, observou o escritor Carlos Malheiros ao ver, ao microfone, o grande líder e criador da Ação Integralista Brasileira, fundada em 1932. “Habillé” com suas indefectíveis camisas verde-bandeira, de brim ou de algodão, e no braço, a braçadeira branca com o sigma — letra do alfabeto grego símbolo de uma soma, os integralistas desfiliavam pela República.

“A esquerda é a violência, o assassinio frio, o defloramento em massa, o saque organizado, o massacre, o incêndio, a blasfêmia! A direita é a união sagrada em torno da Bandeira da Pátria, das tradições nacionais, da virtude, da castidade, do heroísmo, da religiosidade”, doutrinava Plínio Salgado em textos, palavras e ações. E não eram poucas as notoriedades, além dos milhares de jovens nos quatro cantos da Pátria, que se perfilavam diante daquele senhor baixinho, magrinho, olhar sorumbático, mas orador magistral, escritor refinado e homem do seu tempo, em ideias e valores.

Por ele e suas pregações, dentre outros punhados, se encantaram: Gofredo da Silva Telles, Heráclito de Sobral Pinto, Roland Corbisier, Herman Lima, Barbosa Lima Sobrinho, Vinicius de Moraes, Augusto Frederico Schmidt, Guerreiro Ramos, João Neves da Fontoura, o ex-marineiro João Candido — o “Almirante Negro” herói da Revolta a Chibata —, o ex-presidente Epitácio Pessoa, Alceu Amoroso Lima, Miguel Reale e Gustavo Barroso, mais do que discípulos, eram auxiliares direto de Plínio Salgado



O verdadeiro sentido de brasilidade é a Marcha para o Oeste... E lá teremos de ir buscar: dos vales férteis e vastos, o produto das culturas variadas e fartas; das entranhas da terra, o metal com que forjar os instrumentos da nossa defesa e do nosso progresso industrial

Getúlio Vargas, presidente



na coordenação nacional e nas conexões internacionais da AIB. Barroso, cearense filho de alemã, quando saía à rua — iluminado pelas suas dezenas de medalhas afixadas ao peito — sempre em companhia da sua vaidade e arrogância, ocupava meio quarto! Merece destaque o sempre ativo padre cearense, Helder Câmara. Habitualmente trazia a camisa verde sob a batina. Nas passeatas, agora sem batina, exibia uma pistola na cintura quando integrava o pelotão armado. Em algum momento a AIB chegou a ter mais de 130 veículos jornalísticos no país, além de editoras, jornais e revistas simpáticas.

Em janeiro de 1935, em pronunciamento na Câmara dos Deputados, o deputado Abguar Bastos lançou a Aliança Nacional Libertadora. Era o primeiro esforço para conter o avanço do fascismo no Brasil, a proximidade da AIB com a Alemanha de Hitler e a Itália de Mussolini. Socialistas, comunistas, católicos, tenentistas, sindicalistas, liberais, reformistas, social-democratas, antifascistas, pacifistas e os dissidentes do getulismo em expansão, se reuniram no dia 23 de março de 1935 no Teatro São Caetano e fundaram a ANL.

Estavam lá Miguel Costa, Virgílio de Melo Franco, Campos da Paz, Abguar Bastos, Herculino Cascado, Roberto Sisson, João Cabanas, Carlos da Costa Leite, Adão Pereira, Edgar Sussekind, Agildo Barata e Pedro Ernesto, prefeito do Distrito Federal. Os 1.300 lugares do teatro estavam ocupados. Centenas ficaram em pé e outros tantos fora do teatro, concentrados na Praça Tiradentes.

A ampla aceitação não era de todo incompreensível. Apesar da presença dos comunistas e socialista, o programa da ANL era, tecnicamente, liberal, conservadora, social democrata. Mas a manobra dos comunistas começou naquela mesma noite. Aprovada

a plataforma da Aliança, encomendaram ao jovem comunista e brilhante orador, Carlos Lacerda, a tarefa de lançar o nome de Carlos Prestes — já, clandestinamente, a caminho do Brasil com Olga Benário — como presidente de honra da ANL. As mobilizações se seguiram, com ampla e crescente aceitação. Não demorou, os confrontos entre aliancistas e integralistas tomaram as ruas. De ovos, passaram a pedras, garrafas, facas e balas. Vieram as mortes. Para Getúlio, os integralistas eram aliados que não deviam crescer. A ANL os continha.

Entre um uísque e uma bafarada, o caudilho, da janela do seu Palácio, contemplava! Em 5 julho de 1935, a ANL realiza uma gigantesca manifestação. Prestes, já no Brasil devidamente escondido e disfarçado, enviou seu manifesto. Mais uma vez, na voz do barítono de palanque Carlos Lacerda, foi lida a carta do chefe para o Brasil. Em uma palavra, o “Cavaleiro da Esperança” defendeu a insurreição armada e “todo o poder à ANL”. Ali mesmo o grupo se desfez. Em 11 de julho, Vargas tornou a Aliança ilegal com base na Lei de Segurança Nacional. Houve protestos e petições. O povo não reagiu! A Aliança Nacional Libertadora, uma promessa simpática e adequada para o momento, de certo modo inspirada pelo Partido Comunista, durou apenas três meses.

No início do ano de 1934, Antônio Maciel Bonfim, alcunhado Miranda dentro do Partido, então Secretário Geral do PC no Brasil, esteve numa reunião no Comintern, em Moscou. Ex-sargento do Exército Miranda descreveu para o secretário da Comissão Executiva Central, Dmitri Manuïlski, um Brasil pré-revolucionário, pronto para uma nova jornada “bolchevique”, como na Rússia de 1917.

Com base nesse delírio-fantasia, cataram a jovem Olga Benário, com seus olhos claros e tristes e uma equipe “revolucionária”: Johnny ou Gruber era um deles. Na verdade, um agente do Serviço Secreto Inglês, o MI-6, plantado dentro do Comintern, em Moscou. O governo Inglês, Getúlio e Filinto Muller sabiam até as cores das meias que Prestes calçava ao acordar, desde a sua chegada no Rio de Janeiro, em 15 de abril de 1935. Claro, a famosa Intentona Comunista foi um fiasco. Prestes foi preso, Olga terminou num campo de concentração nazista, os demais assessores diretos foram presos e torturados. Centenas de prisões se espalharam Brasil a fora. O agente inglês ligou para Filinto Muller e ganhou a sua liberdade na primeira classe. Terminava assim o levante coordenado por Prestes que se iniciou, inadvertidamente, no dia 23 de novembro de 1935, em Natal. Extinta a ANL, derrotados os comunistas, Getúlio cuida de esvaziar Plínio Salgado. Depois da boa inspiração das imprudências dos comunistas, a invenção do Plano Cohen — um inexistente novo levante comunista — Getúlio, sempre ternurando Plínio Salgado e com o seu apoio irrestrito, prepara o golpe que aconteceria no dia 10 de novembro de 1937. Já em 3 de dezembro, ele fecha a Ação Integralista Brasileira.

“O verdadeiro sentido de brasilidade é a Marcha para o Oeste... E lá teremos de ir buscar: dos vales férteis e vastos, o produto das culturas variadas e fartas; das entranhas da terra, o metal com que forjar os instrumentos da nossa defesa e do nosso progresso industrial”, disse o presidente Getúlio Vargas em seu pronunciamento para toda a nação na passagem do ano de 1937/38, falando do Palácio da Guanabara, em cadeia de rádio, para todo o país, lançando, pela primeira vez, a Marcha para o Oeste, que seria uma das marcas de um novo tempo e da sua longa gestão.



Jorge Henrique Cartaxo é jornalista e diretor de Relações Institucionais do IHG-DF

Lenora Barbo é arquiteta e diretora do Centro de Documentação do IHG-DF